

Parâmetros para a criação de legendas em leitura fácil para discentes Surdos: uma proposta preliminar

Parámetros para la creación de subtítulos en lectura fácil para discentes sordos: una propuesta preliminar

Helena Santiago Vigata  

hsantiago@unb.br

Universidade de Brasília – UnB

Resumo

O presente trabalho se propõe a apresentar uma proposta preliminar de parâmetros técnicos, ortotipográficos, linguísticos e semióticos para a criação de legendas de leitura fácil discentes surdos brasileiros, aproximando as legendas da estrutura e das características próprias da Libras. Não existem legendas descritivas diferenciadas para os diversos grupos de usuários, que são muito diferentes em termos de tempo de surdez, proficiência em Libras e em português e identificação com as culturas Surda e ouvinte. Apenas 7% dos brasileiros surdos tem ensino superior completo, 15% frequentou até o ensino médio, 46% até o fundamental e 32% não possui nenhum grau de instrução. O público que motivou esta proposta são os discentes surdos de uma disciplina de pós-graduação sobre Tradução e Semiótica, que apresenta um elevado grau de abstração. A leitura fácil é um recurso, junto com o braille, a língua de sinais e a audiodescrição, que torna a comunicação acessível tornando a informação fácil de encontrar, perceber e relacionar com conhecimentos prévios (LINDHOLM; VANHATALO, 2021). De maneira a identificar os pontos do texto que deverão ser adaptados para facilitar sua compreensão, se torna necessário entender qual é a melhor maneira de estruturar as frases para minimizar a carga cognitiva do público-alvo. Para tanto, foram identificados aspectos da Libras (QUADROS, 2004; MOURÃO, 2013) que podem ser incorporados nas legendas sem infringir suas normas gramaticais do português do Brasil.

Palavras-chave

Legendas descritivas. Leitura fácil. Língua de Sinais.

Resumen

Este trabajo se propone a presentar una propuesta preliminar de parámetros técnicos, ortotipográficos, lingüísticos y semióticos para la creación de subtítulos de lectura fácil para discentes Sordos brasileños, acercando los subtítulos a la estructura y características de la lengua de signos brasileña. No hay subtítulos descriptivos diferenciados para los diversos grupos de usuarios, que son muy diferentes en lo que se refiere a tiempo de sordera, dominio de la lengua de signos y del portugués e identificación con las culturas Sorda y oyente. Solo el 7% de los sordos brasileños ha terminado la educación superior, el 15% la secundaria, el 46% la primaria y el 32% no tiene estudios. El público que motivó esta propuesta son estudiantes sordos de una asignatura de máster sobre Traducción y Semiótica, que presenta un alto grado de abstracción. La lectura fácil es un recurso –junto con el braille, la lengua de signos y la audiodescripción– que vuelve accesible la comunicación al hacer que la información sea fácil de encontrar, comprender y rela-

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/04/2023

Aprovação do trabalho: 03/06/2022

Publicação do trabalho: 26/06/2023

 10.46230/2674-8266-15-10263

COMO CITAR

VIGATA, Helena Santiago. Parâmetros para a criação de legendas em leitura fácil para discentes Surdos: uma proposta preliminar. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.2, 2023. p. 100-121. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10263>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

cionar con conocimientos previos (LINDHOLM; VANHATALO, 2021). Para identificar los puntos del texto que se deben adaptar para facilitar su comprensión, es necesario comprender cuál es la mejor manera de estructurar las oraciones con el fin de minimizar la carga cognitiva del público objetivo. Para ello, se identificaron aspectos de la lengua de signos brasileña (QUADROS, 2004; MOURÃO, 2013) que pueden incorporarse a los subtítulos sin violar las normas gramaticales del portugués de Brasil.

Palabras-clave

Subtítulos descriptivos. Lectura fácil. Lengua de Signos.

Introdução

Durante minha experiência como docente e pesquisadora na área de acessibilidade audiovisual junto ao grupo de pesquisa Acesso Livre, da Universidade de Brasília, surgiram vários questionamentos acerca da linguagem a ser utilizada nas legendas destinadas a um público Surdo¹ não fluente em português, principalmente quando se trata de legendar textos audiovisuais especializados.

Desde que me credenciei, em 2018, como docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD/UnB), tenho ministrado duas vezes a disciplina Tradução e Semiótica para turmas que contavam com discentes surdos. Uma dessas turmas cursou a disciplina totalmente online, devido à pandemia de Covid-19. Mesmo com a mediação de tradutores e intérpretes, o nível de abstração conceitual da Semiótica acarreta grande dificuldade para todas as partes envolvidas – docente, discentes e intérpretes de Libras –, principalmente quando não há uma continuidade na equipe de interpretação que assume a disciplina nos diferentes semestres ou, ainda, quando aulas precisam ser ministradas sem disponibilidade de intérpretes, o que chegou a acontecer em algumas aulas online, devido ao aumento exponencial na demanda de serviços de interpretação por parte da instituição.

Além disso, as legendas podem ser um bom complemento à mediação em Libras, especialmente no caso de termos específicos que ainda não possuem um sinal-termo correspondente na língua de sinais e que são vertidos mediante datilologia como empréstimos do português (VIEIRA; HARVEY; SOUZA, 2021, p. 213). No campo da Semiótica, esse tipo de situação é recorrente, assim como o estranhamento dos discentes não-surdos ao entrar em contato com termos desconhecidos que remetem a conceitos muito abstratos e complexos. Nesse sentido, as legendas podem servir de reforço para todos os participantes da disciplina,

1 O uso do S maiúsculo faz referência às pessoas sinalizantes que se identificam com a identidade e cultura Surdas, em contraposição às pessoas surdas que se identificam mais com a cultura ouvinte (CASTRO JÚNIOR, 2011).

além de ser essenciais para as pessoas surdas e ensurdecidas não sinalizantes.

Vieira, Harvey e Souza (2021) ressaltam que não basta ofertar legendas e interpretação em Libras; é fundamental que haja por trás uma equipe de profissionais experientes. E, realmente, são muitos os fatores a serem levados em conta ao planejar uma aula acessível, desde o design dos slides à organização hierárquica e sequencial das informações e a identificação e definição minuciosa dos principais termos para possibilitar sua apreensão antes de prosseguir com o conteúdo programático. As legendas são a última camada a ser incorporada às videoaulas, e precisam seguir uma série de critérios para garantir uma acessibilidade de qualidade.

Este trabalho se propõe a apresentar uma proposta preliminar de parâmetros para a criação de legendas de leitura fácil para esse público. Inspirou-se em duas iniciativas recentes de pesquisadores espanhóis: primeiramente, na pesquisa de Marta Iravedra (2020) e, em segundo lugar, num artigo de Rocío Bernabé e Óscar García (2019).

Iravedra (2020) propõe a elaboração de legendas que se aproximem da estrutura e das características próprias da língua de sinais espanhola, a fim de facilitar a leitura do público surdo pré-locutivo sinalizante que não domina as estruturas gramaticais e o léxico complexo da língua oral. Mediante a identificação de aspectos e estruturas que coincidem nas duas línguas – de sinais e oral – ou que são comuns na língua de sinais e poderiam ser incorporados na língua oral sem infringir suas normas gramaticais, a autora apresenta soluções para facilitar a leitura das legendas pelo público-alvo. Ela justifica a relevância deste tipo de proposta com base em Pereira e Lorenzo (2005), segundo as quais seria necessário criar um tipo de legendas diferenciado para o referido público, o que ainda tem sido pouco explorado no âmbito da acessibilidade audiovisual.

Já Rocío Bernabé e Óscar García (2019) se propuseram a identificar alguns parâmetros para a criação de legendas mediante o cotejo e a junção de parâmetros obtidos de dois documentos de referência existentes nos respectivos campos da Tradução Audiovisual e da Leitura Fácil: a norma espanhola de legendagem para pessoas surdas e ensurdecidas² e as regras europeias de leitura fácil propostas por Inclusion Europe³.

2 Norma UNE153010: Subtitulado para personas sordas y personas con discapacidad auditiva. Subtitulado a través del teletexto (AENOR, 2012).

3 Informação para todos: Regras europeias para fazer informação fácil de ler e de perceber (2009).

1 Legendagem de aulas para pessoas surdas

A presente proposta se propõe a colocar no centro do processo de legendagem os discentes surdos – que têm a Libras como língua natural e o português como segunda língua – por ser um grupo numeroso em nosso programa de pós-graduação⁴ que tem frequentado a disciplina de Tradução e Semiótica. A maioria dessas pessoas é surda pré-locutiva, ou seja, nasceu ou adquiriu a surdez antes de desenvolver uma linguagem oral, e todos os participantes até agora sabiam Libras⁵.

Apesar do reconhecimento concedido à Libras como meio legal de comunicação pela Lei nº 10.436/2002, o mesmo documento estabelece que a Libras “não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Isso implica que toda pessoa Surda precisa aprender português. A questão linguística, entre outras formas de discriminação, tem constituído historicamente uma barreira para a inclusão destas pessoas, que só nos últimos anos começaram a ocupar os espaços que lhes pertencem nas diferentes esferas sociais. Para se ter uma ideia da desigualdade a que as pessoas s/Surdas se enfrentam, basta ver os dados publicados pela Agência Brasil, segundo os quais “somente 7% dos brasileiros surdos tem ensino superior completo; 15% frequentaram até o ensino médio, 46% até o fundamental e 32% não possuem grau de instrução” (GANDRA, 2019, online).

Os dados foram obtidos durante uma pesquisa desenvolvida em conjunto pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda, que também revelou:

[...] a existência, no Brasil, de 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva. Desse total, 2,3 milhões têm deficiência severa. A surdez atinge 54% de homens e 46% de mulheres. A predominância é na faixa de 60 anos de idade ou mais (57%). Nove por cento das pessoas com deficiência auditiva nasceram com essa condição e 91% adquiriram ao longo da vida, sendo que metade foi antes dos 50 anos. Entre os que apresentam deficiência auditiva severa, 15% já nasceram surdos. Do total pesquisado, 87% não usam aparelhos auditivos (GANDRA, 2019, online).

4 O POSTRAD costuma abrir vagas específicas para discentes Surdos em seus processos seletivos, e a área de pesquisa em tradução e interpretação de línguas de sinais é uma das mais procuradas do programa.

5 É importante esclarecer que, desde o reconhecimento, em 2002, da Libras como meio legal de comunicação e expressão, seu ensino e expansão tem aumentado, mas, antes disso, a própria comunidade surda tinha pouco contato com a língua de sinais e, por diversos fatores, muitos ficaram sem desenvolver adequadamente um sistema de comunicação até etapas mais tardias. Dentre os surdos oralizados e usuários de implante coclear, é comum que o português seja a língua principal, embora alguns tenham aprendido também a língua de sinais em fases posteriores.

Não existem legendas diferenciadas para esses grupos, ou seja, o público-alvo das legendas descritivas e das *closed captions* engloba sujeitos muito diversos em termos de tempo de surdez, proficiência em Libras e em português e identificação com as culturas Surda e ouvinte. Já é sabido que as legendas são um importante meio de letramento e que, mesmo quando é oferecida interpretação em Libras, podem ser um elemento de reforço na comunicação, mas também é importante levar em consideração que, por se tratar de uma língua de modalidade diferente, ler e escrever em português exige um esforço cognitivo maior para esse público (VIEIRA; HARVEY; SOUZA, 2021, p. 211). Minha proposta de incorporar as técnicas da leitura fácil na legendagem de aulas visa precisamente minimizar esse esforço cognitivo.

A norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que aborda a legendagem⁶ foca unicamente na legendagem para televisão, no sistema de legendagem denominado *closed captions*. Conforme explica Vera Lúcia Santiago Araújo:

Na esteira da tradução americana, essas legendas (chamadas de *captions*, ao invés de *subtitles*) caracterizam-se por uma quase transcrição da fala, sem sincronismo com as imagens e o áudio, fazendo com que a velocidade da legenda não acompanhe a velocidade da fala e o espectador não consiga fazer o percurso harmonioso para uma boa recepção da legenda. Normalmente, lê-se a legenda para depois ir para as imagens, isso tudo conectado com o áudio e feito em poucos segundos (ARAÚJO, 2021, p. 14).

A norma ABNT apresenta três tipos de *closed captions* – ao vivo, pré-produzidas emitidas ao vivo e pré-gravadas – sendo a última a que mais se aproxima da presente proposta, pois é definida como:

[...] legenda produzida após o programa pronto e gravado, que funciona como o áudio da obra, portanto, não só é importante a transcrição do que está sendo falado, mas também “como” está sendo falado. [...] A entonação, capaz de transmitir ironia ou emoção, ou a intensidade da voz, gritada ou sussurrada, também são importantes e informadas. É utilizada em filmes, novelas, desenhos animados, comerciais etc. (ABNT, 2016, p. 4)

Apesar de essa definição se aproximar do que se pretende com a legendagem descritiva, ela aborda esta modalidade ainda como uma “transcrição” com adições relativas a elementos paralinguísticos da comunicação, sem levar em consideração que, devido às restrições espaciotemporais amplamente conhecidas nos estudos da legendagem, ou até mesmo a necessidade de fa-

6 ABNT 15290:2016 – Acessibilidade em comunicação na televisão.

zer uma tradução interlinguística dos diálogos, não pode ser tratada como uma mera transcrição, e sim como uma tradução que passa por diversos processos de condensação, omissão, reformulação, compensação etc. que são resultado de escolhas tradutórias.

Alinhada com essa concepção das *closed captions* como transcrição e a sua forte vinculação com as tecnologias de transcrição e tradução automática, a norma especifica que “no sistema CC pré-gravado, deve-se buscar atingir taxas de acerto de 99,5 %”, calculando-se as taxas de acerto mediante a comparação entre o conteúdo sonoro e o que foi transcrito na legenda. Também se estabelece como critério a obrigatoriedade de a legenda manter um atraso médio de 0-500 ms. Essas exigências se distanciam da prática da legendagem feita, ou pós-editada, por mãos humanas profissionais, pois, em primeiro lugar, não é a literalidade que define a qualidade da legenda e, em segundo, advoga-se pelo sincronismo, considerando-se que não tem por que haver atrasos na entrada das legendas.

Portanto, parece-me mais adequado seguir as orientações propostas para uma legendagem sincronizada com as falas que respeita a velocidade de leitura de seu público-alvo – o que implica ter que fazer sacrifícios constantemente para condensar o texto das legendas, não sendo a transcrição literal o foco. Esse tipo de legendagem vem sendo chamado de Legendas para Surdos e Ensurdidos (LSE) ou, mais recentemente, de *legendas descritivas*, nomenclatura proposta para:

[...] se referir ao que tradicionalmente é conhecido como Legenda para surdos e ensurdidos, que consiste na conversão do texto oral para o texto escrito de uma língua para outra, dentro de uma mesma língua ou de uma língua de sinais para uma língua escrita, levando-se em conta, na composição das legendas, a redução textual decorrente das restrições de tempo, espaço na tela, número de caracteres, conveniência de supressão ou acréscimo de informações, segmentação, alinhamento, fonte e local de cada legenda na tela e velocidade de leitura. Devem ser explicitadas informações de efeitos sonoros, música, sons do ambiente, silêncios significativos e aspectos paralinguísticos do discurso perceptíveis pela entonação ou pela emissão de sons não verbais – como choro ou riso –, bem como adicionada a identificação dos falantes (ANCINE⁷, 2018).

Sobre este tipo de legendagem, o *Guia para produções audiovisuais acessíveis* (2016), organizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura para orientar diretores, produtores e tradutores do audiovisual quanto ao que se deve esperar das modalidades de acessibilidade audiovisual em termos técnicos, linguísticos e tradutórios, fornece algumas orientações fundamentadas em anos

7 Instrução Normativa n.º 145, de 8 de outubro de 2018.

de pesquisa científica desenvolvida no Brasil, principalmente por membros do grupo LEAD, da Universidade Estadual do Ceará. A maior parte dos parâmetros apresentados nesse guia orientador foram adotados para a legendagem da aula de Tradução e Semiótica, com algumas adaptações que explicarei mais adiante.

Mais recentemente, o mesmo grupo publicou o *Guia de legendagem para produções audiovisuais* (2021), que apresenta uma coletânea de artigos voltados para a legendagem em diversas esferas, como a da educação de pessoas surdas e ensurdecidas, tema deste trabalho.

2 Leitura fácil

Nos últimos anos, o conceito de *leitura fácil* vem sendo incorporado aos estudos da acessibilidade em diversos países, principalmente desde a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Lindholm e Vanhatalo (2021) consideram a leitura fácil como mais um recurso, junto com o braille, a língua de sinais e a audiodescrição, que torna a comunicação acessível para um público que engloba, entre outros grupos, pessoas com deficiência sensorial, baixa escolaridade e migrantes, tornando a informação fácil de encontrar, perceber e relacionar com conhecimentos prévios.

No Brasil, a leitura fácil não é um tema tão amplamente discutido como no continente europeu. Ainda não existe uma norma ou documento norteador sobre esta técnica de acessibilidade, sendo comum os autores que escrevem sobre o tema mencionarem como principal referência as diretrizes para elaboração de materiais de leitura fácil da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA, pela sigla em inglês), publicadas em 1997 e revisadas em 2010 com atualizações necessárias em decorrência da evolução das soluções técnicas e da situação das pessoas com deficiência.

Alguns autores (GARCÍA MUÑOZ, 2012; PIRES; SCHERER, 2021) situam o surgimento oficial da técnica da leitura fácil na década de 1968, na Suécia. Amplamente difundida na Europa, cada país membro tem estabelecido em suas práticas públicos-alvo diferentes, mas, segundo Lindholm e Vanhatalo (2021), todos parecem coincidir em considerar que a leitura fácil beneficia especialmente as pessoas com deficiência cognitiva.

As *Regras europeias para fazer informação fácil de ler e de perceber*, publicadas por Inclusion Europe em 2009 a partir do projeto “Caminhos para a educação de adultos com deficiência intelectual”, que envolveu participantes de 9 países, estão especificamente dirigidas ao público adulto com deficiência inte-

lectual, porém, reconhecem que outras pessoas podem se beneficiar desta técnica, como as pessoas que não têm aquela língua como sua primeira língua e as pessoas que apresentam dificuldades de leitura.

Outros autores mencionam mais grupos que podem se beneficiar deste recurso. Por exemplo, García Muñoz (2012) baseia-se nas diretrizes da IFLA para afirmar que a leitura fácil é dirigida a todas as pessoas, mas, especialmente, àquelas com dificuldades de leitura permanentes ou transitórias, ou seja, grupos com alta heterogeneidade.

Conforme se lê no documento da IFLA (2010, p. 3), na maioria dos países, pelo menos 25% da população adulta apresenta habilidades leitoras inferiores às esperadas após nove anos de educação formal, podendo essa taxa chegar a 40-50% em alguns países. Portanto, podemos concluir que a adoção de técnicas de leitura fácil na legendagem de aulas e material didático pode beneficiar muitas pessoas além do público surdo.

Por fim, as brasileiras Pires e Scherer apresentam uma relação mais detalhada dos diferentes grupos beneficiários da leitura fácil:

[...] é destinada àqueles cuja capacidade de compreensão leitora se encontra limitada, e pode estar dirigida a pessoas com: deficiência cognitiva, deficiência auditiva, autismo, dislexia, afasia, TDAH, pessoas migrantes que não dominam a língua destino, adultos mais velhos com alterações próprias do envelhecimento ou aquelas que tiveram poucas oportunidades de escolarização (PIRES; SCHERER, 2021, s. n.).

Conforme nos lembram as autoras, é fundamental conhecer as peculiaridades do público-alvo para poder identificar as potenciais dificuldades que o texto a ser adaptado pode apresentar.

As diretrizes gerais de leitura fácil apresentadas pela IFLA são:

- a) Escrever de maneira concreta. Evitar linguagem abstrata.
- b) Manter a lógica. A ação deve seguir um único eixo com continuidade lógica.
- c) A ação deve ser direta e simples, sem uma longa introdução nem envolvimento de muitos personagens.
- d) Usar com moderação linguagem simbólica (metáforas). Tal linguagem pode ser incompreendida por alguns leitores.
- e) Ser conciso. Evitar várias ações em uma única frase. Organizar as palavras em uma única frase que ocupe uma linha, se possível.
- f) Evitar palavras difíceis, mas utilizar uma linguagem adulta e digna. Palavras inusuais devem ser explicadas através de pistas contextuais.
- g) Explicar ou descrever relacionamentos complicados de uma forma concreta e lógica, onde os eventos ocorrem numa sequência cronológica lógica.
- h) Incentivar escritores e ilustradores a conhecerem seu público-alvo e se infor-

marem sobre as dificuldades de leitura. Deixar que conheçam seus leitores, suas experiências e sua vida cotidiana.

i) Antes de imprimir, testar o material com grupos-alvo reais. (IFLA, 2010, p. 11, tradução minha⁸).

Essas diretrizes podem servir como pontapé inicial, mas, para cada projeto, será preciso apontar as correspondentes especificações. No presente projeto, as diretrizes *a* e *f* acima elencadas são difíceis de respeitar, ao trabalhar com Semiótica, e as diretrizes *h* e *i* precisam ser adaptadas para a realidade educacional, sendo responsabilidade do próprio docente avaliar, junto com seu público-alvo, os recursos utilizados.

Com relação ao uso necessário de terminologia muito específica e abstrata, uma possível solução foi encontrada no método de redação em leitura fácil proposto por García Muñoz (2012), que sugere o uso de negrito ou sublinhado para destacar essas unidades lexicais que precisam de definição e acrescentar uma nota explicativa, imagens de apoio, um glossário etc.

Quanto ao uso de tempos e modos verbais do espanhol, o autor recomenda evitar, sempre que possível, o futuro, o subjuntivo, o condicional, a passiva e formas compostas. A elisão do sujeito tampouco é recomendada, sendo preferível a repetição para reiterar que tem o protagonismo da ação. É possível substituir o sujeito por um pronome, mas só se sua identificação for facilitada pelo contexto, e as orações impessoais devem ser evitadas. Dada a proximidade dessa língua com o português, acredito que essas orientações podem ser úteis também.

Toda informação desnecessária deve ser omitida. O uso de incisos pode romper a continuidade e dificultar o acompanhamento do discurso, e é preferível utilizar orações simples e curtas, podendo incluir orações coordenadas copulativas e adversativas, mas evitando ao máximo as orações subordinadas consecutivas e concessivas e subordinadas de infinitivo e gerúndio. Durante a legendagem da minha aula, percebi a presença frequente de hesitações, repetições e incisos,

8 Do inglês: "a) Write concretely. Avoid abstract language. b) Be logical. The action should follow a single thread with logical continuity. c) Action should be direct and simple without a long introduction and involvement of too many characters. d) Use symbolic language (metaphors) sparingly. Such language may be misunderstood by some readers. e) Be concise. Avoid several actions in a single sentence. Arrange words in a single phrase on one line, if possible. f) Avoid difficult words but use language that is adult and dignified. Unusual words should be explained through context clues. g) Explain or describe complicated relationships in a concrete and logical manner, where events take place in a logical chronological framework. h) Encourage writers and illustrators to get to know their target audience and be informed about what it means to have reading difficulties. Let them meet their readers and hear about their experiences and daily life. i) Test the material with actual target groups before it goes to press".

próprios da fala espontânea.

García Muñoz (2012) recomenda evitar as formas negativas sempre que possível e aconselha o uso de interrogativas e exclamativas, que são facilmente reconhecíveis, assim como o uso do estilo direto, em detrimento do indireto.

Quanto ao uso de imagens, o autor recomenda evitar diagramas, gráficos estadísticos e tabelas técnicas e posicionar as imagens à esquerda do texto, para que fique clara sua relação com o texto, com um título e sinalização para chamar a atenção do leitor (setas, bordas, cores). Esta dica pode ser útil para a elaboração dos slides da aula, e eu acrescentaria a reserva de uma faixa livre de elementos visuais na parte inferior do slide, onde aparecerão as legendas.

Essas, dentre as outras orientações fornecidas pelo autor, foram as que considerei mais relevantes para a elaboração das legendas.

O *Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva* (2016), produzido por meio de uma parceria entre a Fundação Volkswagen e a ONG brasileira Mais Diferenças, também apresenta algumas dicas para trabalhar a mediação de leitura acessível e inclusiva para todas as pessoas. Segundo o guia, um material em leitura fácil é aquele criado de acordo com as diretrizes internacionais da IFLA e que apresenta elementos como imagens, pictogramas e glossários que apoiam o texto para facilitar a compreensão.

Em decorrência das dificuldades apresentadas pelos participantes brasileiros que participaram do processo de experimentação que precedeu a construção do referido guia – dentre eles, jovens surdos –, considerou-se recomendável destacar as palavras que possam ser mais difíceis ou menos usuais e colocar a definição de forma simples ao lado do texto, se possível, com alguma imagem. Esses recursos se constituíram como grandes aliados para trabalhar os conceitos da Semiótica.

3 Legendas em leitura fácil

Na Irlanda, o *Centre for Excellence in Universal Design* apresentou uma lista de orientações para a elaboração de legendas de leitura fácil.

Um critério classificado como de alta prioridade no documento é iniciar e terminar legendas em pausas lógicas:

As legendas devem terminar em quebras linguísticas naturais, de preferência quebras de frases. Para reduzir o tempo de leitura, duas ou mais frases curtas podem ser combinadas em uma única legenda. [...] Frases que são muito longas para caber em uma única legenda podem ser divididas em duas ou mais partes usando

reticências (...) ou reformuladas para formar duas ou mais frases separadas exibidas como legendas consecutivas (CEUD, 2020, s. n., tradução minha⁹).

Dentro de cada legenda, a segmentação entre as linhas também deve seguir as pausas naturais e minimizar a distância que o olho tem que percorrer do final da primeira linha para o início da segunda, o que, no caso de legendas centralizadas, implica evitar uma frase muito curta na primeira linha e uma muito longa na segunda e vice-versa. Por outro lado, recomenda-se utilizar a segmentação e a posição das legendas na tela de maneira estratégica para evitar cobrir elementos visuais presentes na tela.

O documento não determina qual é o melhor tipo de alinhamento das legendas para a leitura fácil. Permite colocá-las centralizadas ou alinhadas à esquerda, à direita ou alternando as posições para acompanhar a localização dos falantes, desde que a distância entre o final de uma linha e o início da seguinte não seja muito grande.

Outro documento que aborda a criação de legendas em leitura fácil são as regras europeias publicadas por Inclusion Europe (2009), que recomendam manter a legenda na tela o maior tempo possível para facilitar sua leitura e manter sempre a mesma posição – se possível, na parte inferior –, sendo preferível mudar a cor do texto para melhorar o contraste com o fundo do que mudar a posição das legendas.

Bernabé e García (2019) se propuseram a elencar alguns parâmetros para a criação de legendas de leitura fácil com base na identificação e comparação de parâmetros existentes em documentos norteadores das áreas de legendagem para surdos e ensurdecidos e de leitura fácil, mas chegaram à conclusão de que, mesmo utilizando tipos de parâmetros semelhantes, os dois documentos diferem no enfoque das necessidades do público-alvo, já que o primeiro foca na acessibilidade dos elementos sonoros e, a segunda, na acessibilidade cognitiva. Essa constatação evidencia a necessidade de pesquisas envolvendo os diferentes públicos-alvo das legendas em leitura fácil. Nesse caso, os discentes surdos da pós-graduação.

9 Do inglês: “Subtitles should end at natural linguistic breaks, preferably sentence breaks. To reduce reading time, two or more short sentences can be combined into a single subtitle [...] Very long sentences that are too long to fit into a single subtitle can be broken into two or more pieces using ellipsis (...) or reworded to form two or more separate sentences and displayed as consecutive subtitles”.

4 Estrutura da Libras

De maneira a identificar os pontos do texto que deverão ser adaptados para facilitar sua compreensão, no caso da presente proposta, se torna necessário entender qual é a melhor maneira de estruturar as frases para minimizar a carga cognitiva dos discentes surdos brasileiros.

Como o trabalho de Iravedra (2020) serviu de inspiração para este projeto, tentei aproximar sua análise da língua de sinais espanhola (LSE) da análise da Libras feita, principalmente, por Ronice Quadros (2004) e Marisa Pinheiro Mourão (2013), já que as línguas de sinais apresentam traços em comum.

Por exemplo, Iravedra (2020) explica que em muitas línguas de sinais é frequente que o *tema* venha em primeiro lugar, para contextualizar a mensagem¹⁰. Da mesma forma, Quadros, que utiliza o termo *tópico*, afirma que “as construções com tópico são muito comuns na língua de sinais brasileira com o deslocamento do objeto para a posição inicial e/ou a topicalização do sujeito” (QUADROS, 2004, p. 295). Mourão (2013) acrescenta que realmente há uma preferência pela ordem tópico-comentário, principalmente quando não há restrições que impeçam o deslocamento de certos constituintes.

Iravedra (2020) também recomenda partir sempre de informação previamente dada para depois apresentar a informação nova, assim como partir sempre da informação geral para a específica¹¹. Mourão (2013) também afirma que a estrutura da Libras é construída numa perspectiva de macro a micro, partindo do mais geral para o que se deseja destacar no discurso.

A autora espanhola sugere evitar o uso de preposições para concatenar elementos, pois pode confundir o público-alvo, devido à falta de preposições nas línguas de sinais. Artigos e conjunções também são elementos inexistentes nas línguas de sinais, mas ela não os menciona como um problema. Já Quadros e Schmiedt (2006) apontam essas partículas como problemáticas no ensino de português para pessoas surdas.

Na língua de sinais espanhola, de acordo com a sua função, os complementos de tempo e lugar podem transmitir informação geral ou específica e estar respectivamente, no início ou no final da oração. Na língua de sinais brasileira, Mourão (2013) explica que os advérbios geralmente são sinalizados no início da frase, mas também podem ser colocados também no final. Já Quadros (2004)

10 A autora dá um exemplo de adaptação de uma legenda para que comece com o tema: “¿Y todo eso lo saben con una sola víctima?” foi substituído por “Una víctima, ¿y saben todo eso?”.

11 Um exemplo seria substituir a legenda: *Hallaron su cuerpo en el contenedor de un callejón* por: “Su cuerpo apareció en un callejón, en un contenedor”.

alerta que os advérbios temporais e de frequência não podem interromper o constituinte que inclui o verbo e o objeto.

De acordo com Herrero (2009 *apud* IRAVEDRA, 2020), aproximadamente 40% das línguas do mundo – incluindo o espanhol e a língua de sinais espanhola – estruturam as orações na ordem Sujeito + Verbo + Objeto (SVO). Já 45% das línguas tendem a seguir a ordem Sujeito + Objeto + Verbo (SOV), estrutura pouco comum no espanhol, mas que é encontrada na língua de sinais espanhola¹². Na língua de sinais brasileira, acontece a mesma coisa. Apesar de ter como estrutura mais frequente a ordem SVO, a língua apresenta variações em certas situações. Conforme explica Quadros (2004), a ordem SVO associa-se a orações gramaticais sem informações adicionais, enquanto OSV e SOV são ordens derivadas mediante alguma marca especial, como marcações não manuais.

O comportamento dos verbos, de acordo com Quadros (2004), parece autorizar alguns tipos de construções dependendo de sua tipologia. Além dos chamados “verbos manuais” (*handling verbs*) – que envolvem uma configuração de mão que representa que se está segurando um objeto na mão e são realizados em posição final – e os classificadores – considerados como predicados complexos porque com um único sinal podem incluir, além da informação verbal, o sujeito e/ou o objeto, aspecto e número, e alguns deles podem descumprir todas as regras da língua –, a autora distingue entre dois tipos de verbos com comportamentos específicos: verbos com concordância e sem concordância¹³.

Os verbos com concordância, que se flexionam em pessoa, número e aspecto, estabelecem uma trajetória espacial partindo de um ponto – geralmente associado ao sujeito – e terminando em outro ponto – geralmente, onde está o objeto –¹⁴. Exemplos desses verbos são: DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR. Segundo Quadros (2004), os verbos espaciais, como VIAJAR, IR e CHEGAR, também podem ser incluídos nesta classificação, já que parecem se comportar da mesma maneira. À diferença do português ou do espanhol, nas línguas de sinais, a concordância é com o objeto, pois “entende-se concordância

12 No entanto, em alguns casos é possível reorganizar a oração em espanhol para colocar o verbo no final sem causar estranhamento. Por exemplo, caso se considerasse conveniente uma inversão de ordem para fins de compreensão, seria possível substituir “*y consolar a las familias de las víctimas*” por “*y, a las familias de las víctimas, darles consuelo*”.

13 Quadros nos lembra que alguns verbos sem concordância podem ser sinalizados em um determinado ponto incorporando o referente, apresentando o mesmo comportamento que os verbos com concordância quando incorporam o ponto no espaço, motivo pelo qual podem ser classificados das duas maneiras.

14 A autora explica que existem também os verbos na contra-mão (*backward verbs*), que invertem as posições, como PEGAR, BUSCAR e CHAMAR.

verbal nas línguas de sinais como a relação que se estabelece entre um determinado ponto em direção a outro ponto previamente estabelecido no espaço” (QUADROS, 2004, p. 302). Estes verbos parecem apresentar uma maior flexibilidade na ordem que os verbos sem concordância, além de aceitar argumentos nulos (omissão de sujeito/objeto), o que não acontece com os segundos, que exigem argumentos explícitos por não ser marcados.

Verbos como CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR e GOSTAR são sem concordância, ou seja, verbos simples que não se flexionam em pessoa e número nem tomam afixos locativos (o que acontece com os verbos espaciais), mas podem se flexionar em aspecto e incorporar pontos espaciais em determinadas situações.

A conjugação das línguas de sinais não oferece as flexões das línguas orais e tem um uso escasso de pronomes pessoais. Por isso, Iravedra (2020) sugere evitar estruturas complexas nas quais o sujeito vem em segundo lugar¹⁵.

Na língua de sinais espanhola, é possível formular orações negativas de diversas maneiras. A negação pode ser indicada com um movimento de cabeça ou com um sinal próprio para aquela ação em negativo (por exemplo: “NÃO PODER”). Como a língua não utiliza flexões verbais, o uso do modo subjuntivo nas legendas em espanhol pode causar dificuldade para o público-alvo¹⁶. Quadros (2004) explica que, na Libras, enquanto os verbos com concordância admitem que a negação seja feita antes do verbo, os verbos sem concordância não o permitem. Nesse sentido, especialmente com estes verbos pode ser recomendável recorrer ao recurso da modulação para evitar o uso de ações negativas.

Segundo Quadros (2004), o aspecto na língua de sinais brasileira pode ser marcado em ambos os tipos de verbos (com e sem concordância), aparecendo sempre em posição final. Por exemplo, para afirmar que João escreve muitas cartas, a ordem correta seria: JOÃO CARTA [ESCREVER+] aspecto. Nas legendas em português, em alguns casos, dependendo do contexto, será possível adaptar o texto para colocar essa informação no final (p. e.: “João escreve cartas, muitas”).

Tentei destacar alguns aspectos da estrutura linguística da Libras que podem ser relevantes ao tentar fazer uma aproximação das legendas à da maneira como o público surdo organiza as ideias. Esses aspectos foram incluídos na pro-

15 Como: “*Las respuestas que necesitábamos nos las dio el lugar de su secuestro*”. Nesse caso, “*El lugar del secuestro nos dio las respuestas*” seria mais fácil de compreender.

16 Por esse motivo, pode ser preferível reformular a oração “*No es frecuente que vengan invitados así a una clase de criminología*” para evitar o subjuntivo e colocar a negação no final, como costuma acontecer na língua de sinais “*En una clase de criminología tener invitados así no es habitual*” ou, inclusive, transformar a oração em uma afirmação: “*tener invitados así es poco habitual*”.

posta preliminar de parâmetros linguísticos que apresento a seguir.

5 Proposta inicial de parâmetros para legendagem de aulas em leitura fácil para discentes surdos

Nesta seção, apresento a lista de parâmetros que adotei para realizar a legendagem da aula de Tradução e Semiótica. Trata-se de uma lista provisória, ainda em desenvolvimento, que pretendo testar com meu público-alvo. Foi elaborada levando em consideração as possibilidades de personalização permitidas pelo reprodutor de vídeos adotado pela minha instituição, por isso há parâmetros técnicos que não foram incluídos na tabela, mas serão comentados a seguir.

Tabela 1 – Parâmetros técnicos

QUESTÕES TÉCNICAS	PARÂMETRO
Nº de linhas	Até 2.
Caracteres por linha	Até 37.
Velocidade	13 cps.
Formato (disposição das linhas)	Nesta ordem de prioridade (mantendo sempre uma boa segmentação sintática): 1) retângulo; 2) pirâmide; 3) pirâmide invertida.
Marcação dos tempos	Entrada sincronizada com o início da fala; a saída pode ser posterior, deixando a legenda o máximo tempo possível.
Duração	Até 6 segundos.
Intervalo entre legendas	Mínimo: 83 ms.

Fonte: a autora.

Nos parâmetros técnicos, optei por legendas com um máximo de 37 caracteres por linha. Poderia ter adotado uma extensão de até 32 caracteres por linha – seguindo o exemplo da ferramenta de legendagem automática incluída no pacote adotado pela minha instituição –, porque diminui a distância entre o final de uma linha e o início da próxima, porém, para legendas descritivas, que exigem a explicitação de elementos sonoros, essa extensão dificulta a concentração das frases numa linha, que é uma das principais recomendações da leitura fácil.

Quanto à velocidade de leitura das legendas, escolhi uma velocidade len-

ta, de 13 caracteres por segundo (cps)¹⁷, com o intuito de diminuir a densidade de informação e permitir que os discentes tenham tempo para dedicar aos slides. Conforme explica Pablo Romero-Fresco (2018), quanto maior for a velocidade das legendas, maior será o tempo gasto para sua leitura e, conseqüentemente, menor será o tempo disponível para explorar as imagens¹⁸.

Optei por uma duração de até 6 segundos – pouco frequente na legendagem, já que geralmente legendas tão longas são recomendadas apenas para acompanhar o ritmo de letras de músicas cujas frases se estendem por mais tempo – porque priorizei a manutenção das ideias e das orações em uma única legenda, ao invés de dividi-las em duas legendas consecutivas, e em alguns momentos foi preferível prolongar a duração.

A decisão de estabelecer um intervalo mínimo entre as legendas foi baseada na necessidade de evitar sequências de intervalos muito curtos heterogêneos, pois produzem um efeito cintilante que exige do espectador um grande esforço ocular. Para evitar esse problema, há duas soluções possíveis: estabelecer um intervalo mínimo entre as legendas – o que permitirá ao olho se habituar a um padrão constante na leitura de legendas muito seguidas – ou eliminar o intervalo, criando uma sensação de continuidade. Eu sempre tendi a preferir a segunda opção quando os intervalos entre legendas são menores de 500 milissegundos, mas, neste caso, colar as legendas pode dificultar a percepção de que houve troca de legenda, especialmente porque dei prioridade ao formato retangular das legendas – ao invés de alternar entre o retangular, a pirâmide e a pirâmide invertida – por ser aquele com o qual estamos mais habituados (KARAMITROGLOU, 1997). Assim, foi estabelecido um intervalo mínimo de 2 fotogramas entre legendas (equivalentes a 83 ms em vídeos numa taxa de quadros de 23,976 fps), seguindo a recomendação de Díaz Cintas e Remael (2021).

Não coloquei parâmetros de tamanho, cor e tipo de fonte porque o reprodutor de vídeo utilizado na minha instituição não permite esse tipo de formatação, já que a plataforma tem seu próprio painel de personalização de cor, fundo e tamanho das legendas. Se fosse possível alterar esses parâmetros, optaria por fonte Arial de tamanho 14 (INCLUSION EUROPE, 2009) em cor amarela e fundo

17 A ferramenta de legendagem automática cria legendas de velocidade muito elevada. Identifiquei legendas com até 23 cps.

18 Essa afirmação foi embasada em pesquisas desenvolvidas com rastreador ocular que apontaram que, quando as legendas são exibidas a uma velocidade de 12 cps, o espectador divide proporcionalmente sua atenção entre o texto (50%) e as imagens (50%). Uma velocidade de 15 cps faz com que o espectador dedique mais tempo às legendas (60-65%), e uma velocidade de 17 cps apenas permite explorar as imagens 20% do tempo.

transparente (ARAÚJO, 2008).

O reprodutor tampouco permite alterar a posição das legendas, que são exibidas centralizadas na parte inferior da tela. Apesar de essa ser a posição mais comum, o texto alinhado à esquerda pode ser mais condizente com a leitura fácil, segundo as regras de Inclusion Europe. O alinhamento à esquerda aparece quando as legendas são acessadas pelo painel de transcrição da plataforma utilizada pela minha instituição, que permite ao usuário acessar o texto das legendas em forma de lista interativa (ao clicar numa legenda determinada, o reprodutor vai para o ponto do vídeo correspondente), oferecendo uma forma alternativa de navegar pelo conteúdo. Também é possível ler a transcrição sem precisar reproduzir o vídeo.

Quadro 1 – Parâmetros ortotipográficos

QUESTÕES ORTOTIPOGRÁFICAS	PARÂMETRO
Reticências	Uso de reticências para indicar que uma frase ocupa várias legendas (e quando uma fala é deixada incompleta ou há uma pausa de mais de 2 segundos).
Hífen	Utilizar para indicar que a legenda cada linha da legenda foi dita por um emissor, identificando a seguir o interlocutor entre colchetes.
Itálico	Não usar.
Negrita, sublinhado e caixa alta	Utilizar negrita para ressaltar termos importantes e sublinhado para notas explicativas ¹⁹ . A colocação de palavras em caixa alta pode ser útil para a indicação remissiva de termos que estão disponíveis num glossário da disciplina.
Colchetes	Utilizar para indicar os interlocutores e inserir as descrições dos elementos do canal auditivo.
Aspas	Para indicar títulos, citações.
Números	Usar sempre o algarismo e evitar números romanos.
Datas	Tentar escrever a data completa.
Abreviações e símbolos	Evitar.

Fonte: Elaborado pela autora.

19 O Stream reconhece os estilos de negrita e sublinhado marcados com etiquetas de HTML: : para negrita e <u></u> para sublinhado.

Alguns dos parâmetros ortotipográficos aqui propostos, extraídos das recomendações de leitura fácil mencionadas acima, diferem dos parâmetros habituais na legendagem no Brasil e, portanto, precisariam ser testados para confirmar se realmente facilitam a leitura do público-alvo.

O parâmetro de evitar o uso de itálico nas legendas vai ao encontro da recomendação do World Wide Web Consortium (W3C, 2016) – máximo organismo na hierarquia da internet encarregado por promover a acessibilidade digital –, de evitar o itálico nos textos, por ser mais difícil de ler. O itálico era um recurso amplamente consolidado na legendagem, mas, conforme sugere Zárte (2021), seu uso pode ser prescindível nas legendas descritivas.

Quadro 2 – Parâmetros linguísticos

QUESTÕES LINGUÍSTICAS	PARÂMETRO
Orações	Usar orações simples, preferencialmente que ocupem uma linha ou uma legenda; evitar orações subordinadas consecutivas e concessivas e subordinadas de infinitivo e gerúndio; evitar estruturas complexas nas quais o sujeito vem em segundo lugar.
Verbos	Evitar futuro, subjuntivo, condicional, passiva e formas compostas.
Verbos com marcação de direcionalidade	Marcar bem a direcionalidade e os agentes envolvidos nos verbos DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR, VIAJAR, IR e CHEGAR.
Argumentos explícitos	Deixar sempre explícito o sujeito e o objeto e evitar frases negativas com verbos como CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR e GOSTAR.
Aspecto	Tentar descocar para o final da frase questões aspectuais (iniciação, término, continuidade, habitualidade, iteração, pontualidade...).
Ações negativas	Recorrer à modulação para torná-las afirmativas.
Sujeito	Evitar a elisão; tentar repeti-lo ao longo das frases, preferivelmente pelo nome ao invés do pronome.
Fala espontânea	Omitir hesitações, repetições e incisos.

Estilo indireto	Evitar.
Topicalização	Usar a ordem sintática a favor da topicalização, para indicar onde está o foco da oração.
Ordem da informação	Partir de informação conhecida para informação nova e do geral para o específico.
Preposições	Evitar o uso de preposições para concatenar elementos.
Advérbios	Colocar preferivelmente em posição inicial; evitar colocá-los entre o verbo e o objeto.

Fonte: a autora.

Devido a meu conhecimento limitado da Libras, tenho ciência da necessidade de revisar estes parâmetros com especialistas, assim como verificar junto a um consultor surdo e ao público-alvo se, na prática, são viáveis e ajudam a proporcionar uma leitura fácil.

Quadro 3 – Parâmetros semióticos

QUESTÕES DE COESÃO SEMIÓTICA	PARÂMETRO
Sincronia sonora e visual	Sincronizar as legendas com som e imagem.
Imagens nos <i>slides</i> *	Usar imagens ao lado de definições de palavras de difícil compreensão; evitar diagramas, gráficos estadísticos e tabelas técnicas. Posicionar as imagens à esquerda do texto com um título e sinalização (setas, bordas, cores).
Composição dos <i>slides</i> *	Reservar uma faixa livre de elementos visuais na parte inferior.
Outros recursos*	Pictogramas, mapas mentais e glossários.
Navegação por tópicos*	Criar capítulos no vídeo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os parâmetros com um asterisco não dizem respeito às legendas, mas fo-

ram incluídos na lista porque compõem, junto com as legendas, o texto final que o discente vai acessar.

Os slides também devem ser desenhados pensando na sua interrelação com as legendas, de maneira a garantir a coesão e coerência semióticas.

A plataforma de hospedagem de vídeos utilizada pela minha instituição permite criar facilmente capítulos no vídeo, com seus respectivos títulos, de maneira a facilitar a navegação pelos diferentes tópicos abordados na aula.

Algumas plataformas também permitem inserir uma enquete ou um teste em partes específicas do vídeo, que o usuário pode optar por responder ou ignorar para continuar assistindo ao vídeo. Esse recurso pode ser mais um aliado na sistematização dos conceitos e conteúdo apresentados.

Considerações finais

Conhecer as necessidades e preferências do público-alvo dos recursos de acessibilidade sempre foi crucial para garantir um serviço de qualidade. Pesquisas sólidas foram desenvolvidas no Brasil para conhecer as preferências do público surdo e ensurdecido quanto às legendas descritivas, relatadas em diversas publicações, como o *Guia para produções audiovisuais acessíveis* (2016) e o *Guia de legendagem para produções audiovisuais* (2021).

Porém, a migração forçada ao ensino remoto durante o período da pandemia trouxe à tona a necessidade de mais pesquisas sobre a acessibilidade educacional em plataformas online, levando em consideração as possibilidades – e barreiras – tecnológicas existentes nas diferentes plataformas para tornar as aulas, atividades e conteúdos didáticos acessíveis para todas as pessoas.

Essa foi a motivação deste trabalho, produzido a partir de minha experiência empírica como pesquisadora em acessibilidade audiovisual e docente de estudantes surdos em uma disciplina de pós-graduação com conteúdo de um elevado nível de abstração. Unindo a necessidade imediata de encontrar um método eficaz de legendagem das aulas a uma inquietação antiga relacionada a questões de cunho linguístico surgidas durante minha relação com pessoas Surdas, resolvi tentar uma aproximação entre a legendagem descritiva e a leitura fácil tendo como foco principal questões linguísticas da Libras, pensando nas peculiaridades do meu público-alvo prioritário.

Espero que os temas aqui abordados tenham despertado o interesse de estudantes e pesquisadores em desenvolver outras iniciativas para melhorar a acessibilidade educacional para estudantes surdos.

Referências

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 15290 - Acessibilidade em comunicação na televisão**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

AENOR. Asociación Española de Normalización y Certificación. **UNE 153010 - Subtitulado para personas sordas y personas con discapacidad auditiva**. Subtitulado a través del teletexto. Madrid: AENOR, 2012.

ANCINE. Agência Nacional do Cinema. **Instrução Normativa nº 145**, de 8 de outubro de 2018. Altera dispositivos das Instruções Normativas nº 116, de 18 de dezembro de 2014, e nº 128, de 13 de setembro de 2016.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Por um modelo de legendagem para Surdos no Brasil. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, n. 17, p. 59-76, set. 2008. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/traducom/article/view/2084>. Acesso em: 30 set. 2021.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Teoria e prática da legendagem: introdução. In: ARAÚJO, V. L. S.; VIEIRA, P. A.; MONTEIRO, S. M. M. (Orgs.). **Guia de legendagem para produções audiovisuais**. Curitiba: CRV, v. 17, 2021, p. 13-25.

BERNABÉ, Rocío; GARCÍA, Óscar. Identifying parameters for creating Easy to Read subtitles. **CoMe IV**, v. IV, n. 1, p. 49-70, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira**: foco no léxico. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CEUD. Centre for Excellence in Universal Design. **Ensure that subtitles are easy to read**. Dublin: National Disability Authority, 2020.

DÍAZ CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. **Subtitling: Concepts and Practices**. Abingdon: Routledge, 2021.

GANDRA, Alana. País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, diz estudo. **Agência Brasil**, 13 out., 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>. Acesso em: 14 set. 2022.

GARCÍA MUÑOZ, Óscar. **Lectura fácil**: métodos de redacción y evaluación. Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2012.

IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. **Guidelines for easy-to-read materials**. The Hague: IFLA, 2010. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/professional-report/120.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

INCLUSION EUROPE. **Informação para todos**: Regras Europeias para fazer informação fácil de ler e de perceber. 2009. Disponível em: https://www.inclusion-europe.eu/wp-content/uploads/2017/06/PT_Information_for_all.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

IRAVEDRA, Marta. Exploramos las opciones de la LSE para elaborar subtítulos inclusivos. In: TORRE, Edyta Waluch de la; POPEK-BERNAT, Katarzyna; JACKIEWICZ, Aleksandra; BELTRÁN-CEJUDO, Gerardo (Eds.). **Las lenguas ibéricas en la traducción y la interpretación**. Varsovia: MH-PRL. Biblioteka Iberyjska, 2020, p. 172-192.

KARAMITROGLOU, Fotios. A Proposed Set of Subtitling Standards in Europe. **Translation Journal**, v. 2, n. 2, 1997, online. Disponível em: <https://translationjournal.net/journal/04stndrd.htm>. Acesso em: 13 set. 2022.

LINDHOLM, Camilla; VANHATALO, Ulla. Introduction. *In*: LINDHOLM, Camilla; VANHATALO, Ulla (Eds.). **Handbook of Easy Languages in Europe**. Berlin: Frank & Timme GmbH, 2021, p. 11-26.

MAUCH, Carla Simone da Silveira. **Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva**. São Paulo: Mais Diferenças, 2016.

MOURÃO, Marisa Pinheiro. (Org.). **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Uberlândia, MG: EaD/CE-PAE, 2013.

NAVES, Sylvia; MAUCH, Carla; ALVES, Soraya; ARAÚJO, Vera Lúcia (Org.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília, DF: Secretaria do Audiovisual/Ministério da Cultura, 2016.

PEREIRA, Ana; LORENZO, Lourdes. Evaluamos la norma UNE 153010: Subtitulado

para personas sordas y personas con discapacidad auditiva. Subtitulado a través del teletexto.

Puentes (Facultad de Traducción e Interpretación, Universidad de Granada), v. 6, p. 21-26, 2005.

PIRES, Vanessa de Oliveira Dagostim; SCHERER, Renata Porcher. Adaptação literária para pessoas com deficiência intelectual: proposta de Roteiro Pedagógico do conto “Missa do Galo” em Leitura Fácil. *In*: Seminário Luso-Brasileiro de educação inclusiva: infâncias e juventudes em foco, 2. **Anais [...]**. São Paulo: PUCRS, 2021, s. n. Disponível em: <https://www.pucrs.br/eventos/inst/educacaoinclusiva2021/>. Acesso em: 07 set. 2022.

QUADROS, Ronice Muller de. A gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbos e suas repercussões na sintaxe. **Revista da ANPOLL**. São Paulo, v. 1, n. 16. p. 289-320, 2004.

QUADROS, Ronice Muller; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROMERO-FRESCO, Pablo. Eye-tracking, Subtitling and Accessible Filmmaking. *In*: DWYER, Tessa; DWYER, Tessa; PERKINS, Claire; REDMOND, Sean; SITA, Jodi (Orgs.). **Seeing into Screens: eye tracking and the moving image**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2018. p. 235-258.

VIEIRA, Patrícia Araújo; HARVEY, Myrcea Santiago dos Santos; SOUZA, Eurijunior Sales de Souza. *In*: ARAÚJO, V. L. S.; VIEIRA, P. A.; MONTEIRO, S. M. M. (Orgs.). **Guia de legendagem para produções audiovisuais**. Curitiba: CRV, 2021. p. 197-216.

W3C. **Understanding WCAG 2.0**: a guide to understanding and implementing Web Content Accessibility Guidelines 2.0, 2016. Disponível em: <https://www.w3.org/TR/UNDERSTANDING-WCAG20>. Acesso em: 15 set. 2022.

ZÁRATE, Soledad. **Captioning and Subtitling for d/Deaf and Hard of Hearing Audiences**. Londres: UCL Press, 2021.

Sobre a autora

Helena Santiago Vigata - Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília-DF E-mail: hsantiago@unb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9968961018763883>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2396-9653>.